

RESENHA*

Dor como prótese

CASTELLANOS, Santiago. "El dolor y los fenomenos del cuerpo en la psicosis", in *El dolor y los lenguajes del cuerpo*. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2009, pp.92-108.

Carmen Silvia Cervelatti

Este texto é uma parte do capítulo "La fibromialgia como fenómeno transclínico", juntamente com "El sintoma del dolor como acontecimiento del cuerpo 'embrollado'" e "el dolor y el fenómeno psicossomático". Esta contextualização é importante para demonstrar o objetivo do autor de situar a dor nas diversas estruturas e relacionar a fibromialgia com o acontecimento de corpo, com o FPS (no limite da estrutura da linguagem) e com a psicose (fenômenos de corpo). Para o autor, a fibromialgia se insere como um sintoma contemporâneo, sendo necessário o diagnóstico diferencial da estrutura do sujeito.

O corpo do falasser não é constituído de maneira natural, pois a reintegração da linguagem no corpo não é dada de antemão, não é um dado a priori. Anteriormente e para dar sustentação aos seus argumentos, a partir da formulação de Lacan de que o homem não é um corpo e sim que ele tem um corpo, o autor recuperou os desenvolvimentos de Miller no curso *La experiencia de lo real en la cura analítica*: "não há gozo sem a condição de que a vida se apresenta sob a forma de um corpo, de um corpo vivo... Isso diz que não se trata somente de um corpo imaginário, não somente do corpo sob a forma de sua forma. Não se trata do corpo imagem, aquele que nós conhecemos, ao qual nos referimos, porque é operatório no estágio do espelho, esse corpo especular que dobra o organismo. Quando se fala do corpo vivo tampouco se trata do corpo simbólico..., sim vivo, eis aqui o corpo que está afetado pelo gozo." (p.57). O afeto tem aqui o sentido daquilo que afeta, perturba, deixa marca no corpo e faz experimentar coisas. Freud, ao desvendar o sintoma conversivo, já deu provas de que o bom uso do corpo é problemático.

No campo das psicoses, temos o esquizofrênico, que desnuda a disjunção que pode haver entre o organismo e as funções que as várias partes do corpo possuem; para ele, não há soluções típicas para o bom uso do corpo, os órgãos têm vida e linguagem próprias, demonstrando o estatuto primário do corpo: peças soltas, corpo despedaçado, para as quais ele deve encontrar um sentido, um valor, uma função.

"Se não se produz a operação simbólica que permite que o corpo possa se constituir, reunificar e sustentar, nos encontramos com as perturbações corporais próprias da psicose. O sujeito não encontrou a maneira adequada de ligar o órgão da linguagem ao resto. Na topologia dos nós é como se o registro do imaginário, o corpo, se encontra desenlaçado do registro do simbólico e do real, sem fazer cadeia." (p.94). Por isso, ao psicótico resta a tarefa de fazer algo com o corpo, inventar-lhe uma função, de maneira similar à função do delírio em relação ao campo da linguagem.

A partir de vários casos clínicos, o autor questiona o que a psicanálise pode frente ao gozo do corpo desenlaçado. Se deve tentar produzir um sintoma. É o que Lacan propõe como *sinthoma*,

um enlaçamento, uma amarração que “funciona como *uma costura* que amarra o corpo do imaginário ao simbólico e ao real do ser falante” (p.102): uma invenção a partir das particularidades do sujeito.

Nem sempre é problemática a relação do psicótico ao corpo, é o caso da paranóia, onde a relação com o Outro é que requer uma invenção.

Na chamada fibromialgia podem aparecer fenômenos de corpo próprios da psicose, como ilustrado nas seguintes frases: “me doem até as sobrancelhas”, “não posso dormir pela dor que os lençóis me provocam” ou “desde que me levanto não posso caminhar porque a dor me inunda o corpo todo, não há nada em meu corpo que não doa”. Em muitas ocasiões se produz uma certa passagem pela hipocondria e se a hipocondria inclui os sintomas de dor de maneira generalizada, o discurso médico pode nomeá-la como fibromialgia.

O autor cita um caso em que tal nominação dos fenômenos do corpo pode funcionar como amarração pela via da identificação: “se provê de um pequeno ‘ponto de capitonê’” (p.103), como se observa nas psicoses ordinárias. Nestes casos, em determinadas situações da vida, estas pequenas soluções podem ser insuficientes, reaparecendo a dor e os fenômenos de corpo, ou seja, é possível considerar a dor como um sintoma de amarração ou que cumpre uma função na psicose e este sintoma pode ser precário. Porém quando os fenômenos de corpo ordenam a vida da pessoa se deve ao fato de ter funcionado como *sinthoma*, “em que a dor funciona como uma prótese corporal real que evita o desencadeamento de uma psicose” (p.107).

* Texto apresentado na 3ª Reunião da Seção Epistêmica da CLIPP (6/12/2010).